

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: TRILHAS DE UMA ESTUDANTE-ESTAGIÁRIA EM MÚSICA

SUPERVISED INTERNSHIP IN TIMES OF A PANDEMIC: TRAILS FROM A MUSIC INTERN-STUDENT

Washington Nogueira de Abreu¹
<https://orcid.org/0000-0001-8773-1014>

Cláudia Ribeiro Bellochio²
<https://orcid.org/0000-0003-2279-4932>

Resumo:

O objetivo deste artigo é problematizar sobre trilhas formativas de construção da docência, por uma estudante que teve seu estágio supervisionado desenvolvido no modo remoto devido o contexto estabelecido pela pandemia da COVID-19. O texto apresenta produções sobre o estágio supervisionado, sobre o conceito de experiência formativa e sobre a construção da docência, processos em movimento na formação de professores. São tempos formativos que, misturados, rompem, integram e modificam a formação acadêmico-profissional da estudante-estagiária. A metodologia tem por base a pesquisa (auto)biográfica com o recorte, neste artigo, na compreensão analítica de uma entrevista narrativa. A docência-estagiária apresenta-se nas experiências da estudante com temporalidades formativas que compõem outras configurações no processo de tornar-se professor, sobretudo, pelo tempo que se desenrolou. A partir da narrativa apresentada, destacam-se desafios da estudante-estagiária, os quais sugerem mudança de postura, adaptação, organização de espaço e de tempo ao produzirem-se aulas de música para o estágio supervisionado de modo on-line.

Palavras-chave: educação musical; estágio supervisionado; trilhas formativas; docência-estagiária.

Abstract:

The purpose of this article is to problematize training formative trails for the construction of teaching, by a student who had her supervised internship developed remotely due to the context

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, Brasil. Email: washingtonlmusic@yahoo.com.br

² Doutora em Educação, Professora titular no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, Brasil. Atualmente é pesquisadora 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e membro GT 24 da ANPED e Pós-Graduação em Educação e membro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Educação. É coordenadora do Projeto Museu do Conhecimento - SCIENTHIA (FINEP/UFSM). E-mail: claudiabellochio@gmail.com

established by the COVID-19 pandemic. The text presents productions on the supervised internship, on the concept of formative experiences and on the construction of teaching, processes in motion in teacher education. These are formative times that, mixed together, break, integrate and modify the academic-professional training of the student-intern. The methodology is based on (auto)biographical research with the focus, in this article, on the analytical understanding of a narrative interview. The teaching-intern is presented in the student's experiences with formative temporalities that make up other configurations in the process of becoming a teacher, especially for the time that unfolded. From the narrative presented, challenges of the student-intern stand out, which suggest a change of posture, adaptation, organization of space and time when producing music classes for the supervised internship online.

Keywords: music education; supervised internship; formative trails; teaching-intern.

UM TEMA: DESLOCAMENTOS DO PRESENCIAL AO REMOTO

Ao escrever este artigo, destacam-se memórias de um tempo em que a formação docente considerava um aprendizado físico da escola de educação básica, lugar em que a discussão daquele contexto era fundamental para a organização do estágio supervisionado. Em 2020, um outro cenário passou a ser corrente, o qual foi esse provocado pela pandemia da COVID-19. Por suposto, implicou mudanças em processos de ser professor e, em consequência, nas experiências formativas no ensino superior e na construção da docência-estagiária. Entendemos que são tempos vividos e transformados pela pandemia que produziu um longo período de afastamento social entre as pessoas. No mesmo arcabouço, a trajetória da formação de um pesquisador doutorando também passava por desafios.

Ao iniciar a pesquisa de doutorado, no ano de 2018, tudo parecia transcorrer de maneira natural, participando de momentos nas aulas, leituras, reflexões, escritas, participação em eventos, orientações e demais atividades que decorrem do curso. Tudo organizado para ser realizado dentro do cronograma e de forma presencial, pensando na construção da docência por estudantes-estagiários da licenciatura em música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

A despeito da quase linearidade de um tempo que aconteceria, em 2020, outros tempos impuseram-se, o tempo do *on-line*, do isolamento social, da casa que virou espaço de trabalho. Tudo que se tinha pensado, planejado e escrito para a realização de uma pesquisa parecia não corresponder ao tempo que se instaurava. Os encontros com os estudantes-estagiários participantes, que seriam na universidade, nas aulas da disciplina, nos espaços marcados para as observações e entrevistas, precisaram adequar-se à nova realidade. “Com a pandemia provocada pelo vírus Covid-19, esses lugares de pensar e fazer educação tiveram que fechar suas portas e interromper as atividades presenciais” (MATEIRO, CUNHA, 2020, p. 2).

E agora? O que fazer? Como desenvolver a pesquisa sem estar *in loco*? Como observar estudantes-estagiários na construção de sua docência no estágio supervisionado (ES) sem que estejam na escola? Quais serão os desafios pedagógicos de um estagiário que se colocará em docência no mundo *on-line*? O que uma docência remota implicará?

Diante de tantas e novas questões que foram sendo vividas ao longo do ano de 2020, quando se iniciou a pandemia e pouco se sabia sobre a doença, a pesquisa precisou ser repensada e

transformada. Ao mesmo tempo, que foi necessário viver e refletir nesse novo contexto, o adoecimento pela COVID-19 foi outro desafio para o doutorando. Ficar debilitado em decorrência da doença e de suas sequelas, puseram-me³ a desafiar meu tempo formativo com meu tempo de doença. Tudo parecia mais difícil e distante porque o ser pessoal está atrelado ao ser profissional. São intempéries que fragilizaram e fizeram acreditar que o tempo passa e transforma-se em histórias de vida, nem sempre as sonhadas, mas sempre as vividas. Ser pesquisador adoecido por esse vírus não foi e não tem sido fácil. Orientações canceladas, vida adiada pela necessidade de recuperação da saúde e do humano.

Nossa história pessoal e acadêmica, vivida na pandemia, mistura-se a outras tantas que passaram por momentos de reflexões e ações que foram essenciais para compreensões e outras formas de estar na docência, quer na formação de professores quer na educação básica. Histórias como a de Isa⁴, estudante do curso de licenciatura em música da UFRN, que narrou suas experiências formativas, no modo remoto, em uma entrevista narrativa. Destacamos que a construção da docência por Isa, no ES, caracteriza-se pelos movimentos experienciais e suas relações pessoais e acadêmicas em seu processo formativo.

Como estudante-estagiária, Isa encontrou desafios e conquistas para a construção da sua docência no ES. Desafios que foram mobilizando outras ações, a partir de experiências e aprendizagens da educação e da música, tecnologia, ambiente virtual de aprendizagem, além de incluir adaptação, reorganização, alternativas, investimentos, família, dentre outras. Conquistas formativas, a partir de experiências trilhadas por ela, as quais a motivaram a continuar na graduação e em sua caminhada docente.

Se o ES na licenciatura em música é um desafio, esse desafio, na pandemia, foi disparado por outras necessidades metodológicas e profissionais, como, por exemplo, aulas virtuais que, nesse contexto, foram se desenvolvendo como construção de ser e estar em ES. Na música, as questões com o *delay*, em aulas síncronas, foi um grande desafio para o ensino remoto, sendo necessária a busca de outras formas pedagógicas, mais estáveis em termos de produções sonoras, para que se estabelecessem relações musicais que promovessem aprendizados no espaço virtual.

Com Isa, problematizamos momentos vividos na pesquisa, suas mudanças, com aqueles vividos pela estudante-estagiária, a partir da construção de suas experiências em trilhas formativas. Entendemos que esse processo foi se transformando, ao longo do curso de formação de professores, ao longo da história vivida em tempos de pandemia, revelando singularidades que se traduzem por experiências formativas. Dessa forma, podem ressoar ou não significações e ressignificações de aprendizagens de transição do modo presencial para o modo remoto emergencial. Naquele ano de 2020, já ficava evidente que: “Sem dúvida, o fenômeno da pandemia que o Brasil atravessa[va] leva-nos à uma reflexão sobre dois vieses: a negação ou a aceitação da mudança de metodologias e formas de fazer a docência” (LIMA; PIRES, 2020, p. 78).

O ensino remoto, além de ser desafiador, por suas especificidades, provocou experiências de ensino e de aprendizagens em outros espaços que foram se constituindo. Essas experiências decorreram de modos rápidos que pudessem ser implementados para que os estudantes ficassem conectados à escola e aos seus processos de escolarização. Foi preciso, em tempo muito pequeno,

³ O uso da primeira pessoa do singular (eu) justifica-se porque se trata de um relato pessoal.

⁴ Pseudônimo escolhido pela participante no ato da assinatura do TCLE.

substituir a ida à escola por espaços da própria casa conectados com celulares, *tablets*, computadores, os quais passaram a ser espaços formadores. A casa passou a ser a sala de aula, tanto para os estagiários quanto para os estudantes, mediada por tecnologias que traziam o professor em uma tela, de forma a aprender e a ensinar, a partir de metodologias e ferramentas no formato digital.

DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE NA PANDEMIA

Na licenciatura, os estudantes percorrem o processo formativo ao longo do curso, construindo saberes profissionais e práticas formativas as quais contribuirão, em alguma medida, para a sua docência. O conjunto de saberes caracteriza-se por integrar conhecimentos potencializadores na construção da docência-estagiária. São processos de compreensão da docência que vão sendo construídos ao longo do ES em momentos de reflexão e investigação (VAILLANT; GARCIA, 2012). Para Bolzan et al (2014) é importante destacar a seriedade dessa formação para a construção dos saberes construídos para a docência. Zabalza (2015) entende que o estágio se constitui como fonte de experiência na formação docente porque

[...] oferece oportunidades não só de aprender coisas úteis para o futuro desempenho profissional dos estudantes, mas que possibilita melhorar como pessoa, preocupar-se com o contexto, conhecer-se melhor, poder experimentar essa preocupação por si mesmo (ZABALZA, 2015, p.83).

Os autores mencionados ressaltam a importância do ES como *locus* de construção da docência por ser momento de descobertas pessoais e profissionais no contexto da profissão. A docência em música também decorre desse processo e caracteriza-se pelos modos de aprendizagem da profissão docente de ser professor de música, pelos modos de compreender e implementar a música em diversos contextos educacionais, pelas escolhas que se faz a partir de trilhas pessoais percorridas na formação acadêmico-profissional, considerando as bagagens que foram trazidas até o momento e que adicionam internalizações musicais e pedagógico-musicais fora do contexto formativo.

Dessa forma: “A docência envolve relações complexas que estão intrinsecamente ligadas aos modos de aprender e de ensinar dos professores” (SOUZA; BELLOCHIO, 2021, p. 48). Essa construção de relações complexas, de aprender a ser professor e suas especificidades com o ensinar que as autoras destacam, na construção da docência, entrelaça-se com singularidades formativas advindas de diferentes contextos, dentre eles, o ES.

O estágio supervisionado é uma parte fundamental de um curso de licenciatura, um momento em que o estagiário está envolvido com a docência, com situações de ensinar e aprender (LIMA; PIMENTA, 2005-2006). García (2010, p. 14) observa que “ensinando se aprende a ensinar”. É um momento de problematizações entre o já trazido antes do ingresso no curso superior, momento de experiências realizadas no próprio curso, de desafios e revisões pessoais de contribuições formativas para a formação docente.

A partir de contato com a docência no ES, o estudante está desenvolvendo maneiras de ser professor, porque é uma possibilidade de “assegurar que a formação deveria ser construída dentro da profissão” (DINIZ, 2018, p. 32), desenvolver-se para a docência e, ao mesmo tempo, estar dentro da profissão. É construir modos de atuação pedagógica com estratégias educacionais em

espaços de atuação, considerando ainda a possibilidade de relação com pessoas que possam auxiliar nesse processo formativo.

Pimenta (2019) pondera que:

O estágio tem sido por mim demonstrado como um campo de conhecimento, com estatuto epistemológico próprio, superando sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto tal, se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (PIMENTA, 2019, p. 20).

Desse modo, o ES da licenciatura é um componente da construção da docência que potencializa reflexões sobre teoria e prática docente, encontros e descobertas no processo formativo para ser professor. No momento da pandemia, sobretudo nos anos de 2020 e 2021, estas aprendizagens da docência se atrelam ao desgaste emocional vivido por todos e todas, em decorrência do afastamento social entre as pessoas, sobrecarga que vai muito além de uma matriz curricular.

Essas mudanças estendem-se ao ES em música por suas relações com a construção da docência. Diferentes formas de aprender e ensinar a música foram se constituindo para a realização do ES nesse período. Assim, “um novo mundo educativo caiu sobre nossas cabeças e nos convocou a agir rapidamente, mas também a pensar sobre ele de modo mais detido” (MATEIRO; CUNHA, 2021, p. 164).

A legislação brasileira ressalta a importância desse momento para a formação docente, porque: “O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso” (BRASIL, 2008, p. 01), imbricando aprendizagens na formação, a partir de relações com a universidade, escola e atores no processo de construção da docência. Assim, segundo as atuais Diretrizes para a formação de professores, o componente curricular torna-se:

Centralidade da prática por meio de estágios que enfoquem o planejamento, a regência e a avaliação de aula, sob a mentoria de professores ou coordenadores experientes da escola campo do estágio, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (BRASIL, 2019, p. 04).

Dessa maneira, envolve a prática da docência ao longo do curso, sendo indicado que se inicie desde o início do curso, com carga horária distribuída em “[...] 400 horas para o ES, em situação real de trabalho em escola [...]” (BRASIL, 2019, p. 06) colocando em prática o que foi aprendido ao longo da licenciatura. Da mesma forma, a legislação destaca a necessidade dessa transição formativa como possibilidade de andamento do processo de aprendizagem no início da pandemia, quando “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19” (BRASIL, 2020).

A partir da interação, nas plataformas digitais, como um meio de comunicação na pandemia da COVID-19, deve se dar continuidade ao processo de formação docente (GONÇALVES; AVELINO, 2020). Nesse sentido, foram surgindo novas maneiras de desenvolver o ES para a construção do processo formativo de professores.

Como tem sido destacado neste artigo, contextos foram modificados e potencializaram-se por tempos vividos na pandemia trazendo outras visões formativas, já que:

O tempo de aprendizado das novas tecnologias, o tempo de aquisição de recursos materiais necessários, o tempo de garantir, prioritariamente, segurança alimentar e saúde emocional às classes docentes e discentes, não existiu. Não houve tempo de reflexão, de construção dialógica, de colaboratividade (CUERVO; SANTIAGO, 2020, p. 371).

Rodrigues e Cuervo (2021) assinalam que o contexto pandêmico impactou, diretamente, na construção da docência em música pela necessidade de ambientes e recursos para mediar o ensino e as aprendizagens de modo on-line. Referem-se a esse momento trazendo desafios aos professores:

1) falta de domínio de ferramentas e novos recursos demandados na produção de OVAs e de sua implementação nos AVAs de modo emergencial; 2) impossibilidade de adaptação de conteúdos e reorganização de objetivos das disciplinas de graduação; 3) incertezas quanto às condições materiais e de saúde mental de nossos estudantes [...] (RODRIGUES; CUERVO, 2021, p. 03).

Percebemos que a criação de objetos virtuais de aprendizagens (OVAs), produzidos nos ambientes virtuais de aprendizagens (AVAs), requerem atenção e mudanças em planejamentos, aquisição e construção de materiais didáticos para a sala virtual. Assim, a formação de professores, na pandemia, esteve implicada em diferentes maneiras de tornar-se professor de música, considerando movimentos reflexivos de repensar a docência em música para o espaço on-line de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, a construção da docência em música no ES também se destacou pelos desafios impostos pela pandemia como momentos de resposta às diversidades apresentadas, sejam elas construtivas, pelas incertezas de planejamento e pelas necessidades de adaptação de recursos mediadores de aulas.

Um dos maiores desafios nesse período foram os campos de atuação no estágio que deixaram, mesmo que momentaneamente, de serem presenciais. “Essas são algumas incertezas da nova realidade, do ‘novo normal’” (CUERVO; SANTIAGO, 2020, p. 365). Assim sendo, foram se produzindo outras maneiras de construir a docência no ES, de modo que todo aprendizado da docência constituído na pandemia tende a ser problematizado e refletido em outros momentos como princípio mobilizador de experiências do aprender e ensinar. “O que precisamos agora é minimizar as rachaduras, consertar os impactos gerados e articular novas formas de produção do conhecimento” (CERNEV, 2021, p. 13) e que potencializem a necessidade e o compromisso com a escola pública.

AS TRILHAS DE ISA: TEMPOS NARRADOS A PARTIR DE SUAS CONSTRUÇÕES EXPERIENCIAIS

A partir da narrativa de Isa, faremos algumas considerações sobre o que caracteriza momentos vividos por uma estudante-estagiária que nos contou sobre seus momentos de construção da docência no estágio feito no contexto pandêmico. Problematizamos e apontamos narrativas de um processo de construção de docência-estagiária que foi se transformando ao longo do curso, construindo experiências formativas. Experiências que, de alguma maneira, podem transformar o sujeito, porque:

A experiência tem a ver com a formação e a transformação do sujeito. Uma educação mais experiencial seria uma educação mais vital, que tem a ver com viver mais intensamente, com que a nossa vida seja mais viva, que esteja mais

cheia de vida, e de uma vida também, por que não dizer, mais consciente, mais inteligente, mais interessante [...] (LARROSA, 2021)⁵.

Essa relação entre a experiência e a formação que o autor destaca está relacionada direta ou indiretamente com a história de vida e a mudança e transformação do sujeito que caracteriza um “caminhar para si” (JOSSO, 2011). Neste sentido, a experiência está diretamente relacionada à pesquisa (auto)biográfica e às histórias de vida. “A pesquisa (auto)biográfica se inscreve nos desdobramentos desse movimento científico e cultural e tomará as narrativas de si” (PASSEGGI et al, 2018, p. 51-52).

Para esse entendimento, utilizamos a entrevista narrativa como fonte de produção de dados, porque “é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas [...] como um tipo de comunicação cotidiana, o contar e escutar história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p. 95). A partir da compreensão da história de vida e a transformação de si, externada por Isa, apresentamos reflexões sobre a construção da docência no ES, anunciando-a como Docência-Estagiária.

Isa narrou seus modos de construção da docência, a partir de suas relações e reflexões com experiências pessoais e acadêmicas que deram sentidos a sua aprendizagem docente ao longo da licenciatura e, de modo especial, no ES. Destaca que o que a motivou estar e continuar na licenciatura. “[...] é saber que eu estou ensinando algo muito precioso, de muito valor a alguém. Então, assim, não é apenas ensinar certos conteúdos. Mas ensinar algo que as crianças vão levar para a vida [...] isso é muito motivador pra mim” (ISA, 2021, p. 09).

Ensinar para Isa mistura-se a outras experiências que teve ao longo de sua vida e que sente reverberar com sua maneira de ver o mundo e a construção de sua profissão, são vivências e aprendizagens na academia e fora dela. “[...] eu sempre estava aprendendo um instrumento para poder ensinar para alguma outra pessoa. Então, esse ensinar música já vem a algum tempo na minha vida” (ISA, 2021, p. 04). Essa experiência de ensinar parece estar atrelada, de certo modo, às suas vivências pessoais em uma comunidade religiosa que Isa faz parte, os conhecimentos misturaram-se aos que aprendia na licenciatura.

Experiências pessoais e acadêmicas vividas e narradas por Isa parecem ser potencializadoras na construção de sua docência, mas apontam para ampliar suas buscas a partir de seus anseios e desejos. Consideramos que experiências pessoais decorrem do conjunto formativo vivido ao longo de sua vida. O sujeito leva em sua vida experiências que vão somando-se a outras mais na construção do saber.

A experiência pessoal decorre de oportunidades que Isa teve com aprendizagens que sustentam suas ações pessoais e de construção da profissão. Essa relação entre a experiência pessoal e o conhecimento é marcada por tentativas, acertos e erros ao longo do caminho que se conectam entre si, mas exige compromisso com suas aprendizagens de ser professor.

Consideramos, também, que experiências acadêmicas são dispositivos de formação que se constroem a partir da interação do sujeito com uma matriz curricular de uma determinada profissão. São disciplinas, atividades teóricas e práticas, atividades de pesquisa, bem como suas buscas em trilhas formativas, que se somam na trajetória de construção de conhecimentos

⁵ Documento não paginado.

específicos da área, em que o sujeito vai desenvolvendo habilidades. É o início do caminho para tornar-se um profissional.

Desse modo, Isa destaca existir uma interrelação entre o pessoal, por suas percepções, e o acadêmico, que são protagonizadas por suas escolhas, tornando-se motivadores na construção da docência.

Eu quero dizer que esse processo, essa construção da docência é um período muito rico, mas só essa construção na universidade não é o suficiente. [...] A universidade deveria incentivar mais os alunos a participarem de projetos de extensão que é muito importante para a construção da docência. E, somente estar em sala de aula, é o que vai fazer de você um professor. Porque ali que você vai construir a sua docência (ISA, 2021, p. 19).

Em sua narrativa, Isa ressalta que seu processo formativo se caracteriza ao longo da vida pelas buscas de conhecimentos em trilhas formativas, aliado aos conhecimentos da licenciatura. Entendemos que caminhos percorridos pela estudante-estagiária são mobilizados no percurso formativo inicial, na matriz curricular, bem como de forma concomitante a outras atividades de docência, que denominamos de trilhas formativas. Essas trilhas decorrem de experiências que são oportunizadas e que, de algum modo, são internalizadas a partir do envolvimento, vivência e reflexões do sujeito e que possam ressoar em algo que ainda não aconteceu junto ao processo de construção da docência na academia.

A narrativa de Isa manifesta-se no presente. Todavia, é tecida a partir de memórias formativas enunciadas no ato de sua entrevista, conversa, socialização, dentre outros, que vão dando sentido ao que ela busca num tempo complexo, refletindo e transformando a si. Ricoeur (2007, p. 24) afirma que: “Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança”. Isa parece dar sentidos aos momentos marcantes que estavam adormecidos ao longo do tempo passado, mas se torna um alicerce ao narrar, refletindo o presente para repensar o futuro. “Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si” (RICOEUR, 2007, p. 107), ou melhor, reflete sobre si mesmo. Isso demonstra o que foi apreendido na graduação, em suas experiências de ser professor naquilo que ela faz.

Assim sendo, ao narrar seus modos de construção da docência, suas relações e reflexões com experiências pessoais e acadêmicas que deram sentidos à sua aprendizagem docente no ES, Isa destaca o estranhamento de realizar o estágio como disciplina no modo remoto, em casa. Para ela, a mudança de rotina, mudança de espaço de estágio, a transição do modo presencial para o modo remoto foi desafiadora.

Então, assim, é bem diferente. Eu gostaria muito de ter tido esse contato presencial com os alunos. [...] eu não consegui ter esse contato. O mais presencial que eu tive, que foi on-line e ao vivo, foi no estágio III com a turma do oitavo ano em uma escola lá em Parnamirim/RN [...] então, esse foi o contato que eu tive mais próximo deles [alunos]. Os outros foram bem ruins mesmo [...] não tive contato com a escola! Não consegui ir à escola (ISA, 2021, p.10).

Ao perceber o desenvolvimento no ES no modo remoto e que o distanciamento educacional e social é uma decorrência da Pandemia pela COVID-19, ressalta desafios de ser professor, a partir de suas experiências singulares que se misturam entre o cotidiano familiar e suas atividades no estágio.

[...] os desafios são grandes, porque quando a gente vai à escola presencial, a gente está deixando a nossa casa, nosso ambiente familiar, a gente está saindo para um ambiente de trabalho. A partir do momento que a gente está remoto, a gente está trazendo o nosso ambiente de trabalho para nossa casa. [...] **Eu trouxe a universidade para minha casa. Eu trouxe a sala de aula para minha casa.** Então, a minha sala de estar virou a minha sala de aula (ISA, 2021, p. 11, grifos nosso).

Em meio aos novos desafios, Isa reflete querer fazer o melhor como estudante-estagiária ao revelar que experiências de vida podem não acontecer em tempos lineares, sincronizados, por diferentes momentos e expectativas da vida ou mesmo pela ruptura do tempo por sua heterogeneidade.

[...] o tempo, no singular, de fato, esconde múltiplas temporalidades que rompem nesta bela e aparentemente simples unidade. Queremos encontrar um tempo universal quando de fato somos trabalhados por temporalidades plurais e contratempos (PINAU; BRETON, 2021, p. 7).

Temporalidades formativas parecem tornar-se potentes porque cada sujeito tem formas e maneiras particulares de ir ao encontro de suas experiências de vida. Essas experiências são diferentes, porque pessoas pensam e agem diferentes, mesmo que estejam em um mesmo campo da experiência, elas acontecem de forma diferente porque são vivências e reflexões singulares. Neste sentido, poderíamos ressaltar que o tempo formativo se caracteriza pela “[...] *multiplicidade do presente e seu dilaceramento* [...]” (RICOEUR, 2007, p. 35, grifos do autor), ou seja: “a chave deve ser buscada do lado daquilo que passa, como algo distinto do presente pontual” (Ibid., p. 35), no processo de formação.

Os autores citados, apresentam diálogos entre si na medida em que refletimos sobre diferentes maneiras de vivenciar experiências na formação. A memória, o tempo e suas temporalidades entrecruzam-se pelo processo de “[...] ruptura, transição e integração” (PINEAU; BRETON 2021, p. 09) na construção de movimentos que sejam interativos, desafiantes e formativos e que nos modifiquem de alguma forma.

Essa dificuldade, às vezes, nem sempre, eu tinha condições de concentração, de estar ali para fazer aquela aula. Sempre tinham interrupções, era um bebê chorando, era o outro filho pedindo alguma coisa, o almoço a fazer, a louça que precisa ser lavada. Então, assim, essas foram as dificuldades. A internet que não era boa, o computador que não era bom. Tudo isso travava, caía conexão, enfim... esses desafios foram grandes (ISA, 2021, p. 11).

O tempo que outrora se desenvolvia em um curso ou em uma pesquisa, foi sendo invadido por um tempo de pandemia que nos fez, de certa forma, parar no tempo para pensar novas formas de aprender e ensinar.

Mesmo tendo a escola como principal espaço de práticas docentes no ES, novas experiências de docência foram sendo construídas em um contexto em que não houve muito tempo de preparação. Um tempo em que foi preciso agir de imediato para que pessoas se agregassem e continuassem sua formação de outros modos, pela tela do celular, tablet e computador. Foi um tempo de (re)organizar-se, (re)adaptar-se, permitir-se a si, mudanças em suas maneiras de pensar e agir à docência no ES.

Esse tempo de pandemia mostrou o quanto são necessárias mudanças e transformações a partir do “destino do acontecimento” (RICOEUR, 1994, p. 293), das incertezas de experiências que motivam o sujeito em suas singularidades formativas.

[...] por outro lado, a gente descobriu um novo mundo virtual [...]. A descoberta que a gente tem condições, sim, com muita organização e adaptação. [...] esse mundo remoto nos mostrou algo muito interessante que a gente pode estar tão perto, estando tão longe, ao mesmo tempo. A gente consegue alcançar essas pessoas. Tanto dando aula como também em formação. Por exemplo: nós estamos tão longe, agora, nesse momento, mas estamos tão perto, on-line. Usar essa ferramenta on-line, ter contato com os alunos on-line, isso também é uma forma muito incrível de se ter (ISA, 2021, p. 11-12).

Isa narra seu tempo formativo de docência com o tempo da pandemia. Não se trata de caracterizar o tempo pelo tempo, a memória pela memória, mas perceber que o tempo, para cada sujeito, torna-se individual por suas singularidades formativas de acordo com seus anseios, interesses, opções, concepções, dentre outros aspectos. “A gente aprende a se adaptar à escola, aos alunos. A gente aprende que todos nós somos seres humanos e, cada um tem o seu jeito” (ISA, 2021, p. 12). Desse modo, ao dar ritmos diferentes às buscas de cada indivíduo, evidencia-se a partir de seus desafios e perspectivas, experiências de vida.

Partir do “possível” para ultrapassar novos desafios que se instauravam ao longo do ES fez com que houvesse uma mobilização por parte dos professores da licenciatura para possibilitar vivências que ajudassem os estagiários nas tomadas de decisões no estágio. As dúvidas de Isa geradas pela pandemia serviram como propulsoras na procura de conhecimentos que minimizassem suas aflições. Neste sentido, ela destaca, em sua narrativa, que ensinar música nesse contexto é “você acreditar que pode fazer música e dar aula na sua casa com o que você tem” (ISA, 2021, p. 17). Assim sendo, trata-se de mobilizar-se para possibilitar mudança em sua visão e ação no desenvolver a prática docente no cenário da pandemia.

Nessa perspectiva formativa enunciada por Isa, suas experiências pessoais e acadêmicas tornam-se potentes pelos momentos vividos no ES que enriqueceram sua construção da docência pelos movimentos que se transformaram ao longo de todo o curso.

Assim, a docência-estagiária caracteriza-se pelos processos de aprender a ensinar na docência no ES, componente curricular obrigatório de cursos de licenciatura. Esses processos acontecem no campo da experiência profissional e envolvem conhecimentos da Educação e da Música, através do envolvimento do estudante em práticas docentes. Os processos também envolvem maneiras de pensar sobre suas experiências pessoais, que, de alguma maneira, reverberam em sua construção docente no ES. Ao buscar outros conhecimentos percorridos em trilhas formativas, a estudante-estagiária amplia suas aprendizagens e conhecimentos necessários à formação docente.

É importante destacar que a construção da docência-estagiária se diferencia pela organização, reflexão e transformação do estagiário, dando novos sentidos e significados ao ser professor no momento do estágio. São conhecimentos que adentram ao espaço escolar através do estágio curricular, de forma a reconhecer novas maneiras de ensinar e aprender em tempo de pandemia da COVID-19. São desafios outros da docência que vão surgindo e servem como

reflexão e aprendizagem para a estudante-estagiária e que seguirão em sua vida profissional como herança.

Portanto, a docência-estagiária parece decorrer de tudo o que o estudante de graduação edifica, compartilha e vivência no campo da experiência, percorrida em trilhas formativas, construída dentro e fora do ensino superior, dando sentido ao seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional em sua trajetória para a construção docente. É alcançar objetivos próprios em atividades formativas em docência que o constituem em seu percurso do caminhar para si. É reconhecer-se um sujeito aberto e sensível a partir da reflexividade de singularidades da própria transformação pessoal e profissional na construção docente no ES no contexto de pandemia.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao problematizar e refletir sobre a construção da docência por uma estudante-estagiária em música no ES, a partir de suas narrativas, somos levados à compreensão complexa de experiências mobilizadas, internalizadas e refletidas no decorrer da prática docente no ES.

Sobre a docência no ES, evidenciam-se transformações e adaptações do vivido nesse período pandêmico como representações e significados de si. Neste sentido, Isa narra que seu processo formativo se caracterizou ao longo da vida pelas buscas de conhecimentos aliados aos saberes musicais e pedagógico-musicais desenvolvidos na licenciatura. Destaca, também, a importância de estar em construção da docência na prática, para que, de certa forma, amplie seus conhecimentos a partir de suas experiências, as quais foram sendo vividas ao longo do tempo.

O tempo ou tempos vividos por Isa caracterizam-se pelas tomadas de decisões em que precisou de autorreflexão, no sentido pessoal de existência, no tempo do ES no contexto da pandemia da COVID-19. Existe um entrelaçamento de espaços formativos em seus processos de aprender e ensinar, mesmo que, para isso, precise modificar tempos da academia com tempos pessoais que, de alguma maneira, vão se internalizando como novas possibilidades nos desafios da docência.

A partir de suas experiências, sugere que a construção de ser professor vai além da teoria aprendida na academia. É um motivar-se a cada dia em busca de outros conhecimentos que potencializem à docência com todos os desafios necessários, no caso de Isa, os desafios vividos em ser professora remotamente, em aulas síncronas e atividades assíncronas. Assim, ao passar por todos os momentos formativos na licenciatura em período pandêmico e, especificamente no estágio, Isa reflete sobre sua construção da docência e seus desafios de aprender a ser professor. Acredita que tudo é formação, tudo é aprendizagem. Segundo ela, a base construída na licenciatura abre portas para o garimpo de outros conhecimentos que possibilitem mudanças em seus modos de ser estudante-estagiária.

Ao mobilizar, refletir e internalizar sobre suas experiências, Isa destaca a busca por conhecimentos da educação, música e tecnologia, os quais compreende que são importantes em sua formação e permanecerão como herança, pós-pandemia. Essas experiências pessoais e acadêmicas, de certa maneira, ampliaram sua aprendizagem na construção da docência, em especial, no ES.

REFERÊNCIAS

- BOLZAN, Doris Pires Vargas; WIEBUSCH, Andressa; BAPTAGLIN, Leila Adriana. Aprendizagem Docente na Formação Inicial de Acadêmicas do Curso de Pedagogia. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 3, p. 62-72, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/24013>>. Acesso em: abril. 2021.
- BRASIL. **Lei que dispõe sobre a carga horária, integralização e estágios para os cursos de licenciatura**. Lei Nº. 11.788/2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: maio. 2022.
- BRASIL. **Portaria Nº 544**, de 16 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: abril. 2022.
- BRASIL. **Resolução Nº 2**, de 20 de dezembro de 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>>. Acesso em: maio.2022.
- CERNEV, Francine Kemmer. O estágio supervisionado nos cursos de licenciatura em música: discutindo a aprendizagem colaborativa para a formação docente na contemporaneidade. **ORFEU**, v.6, n.1, abril de 2021. pp. 2-18. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/20407/13577>>. Acesso em: abril. 2022.
- CUERVO, Luciane; SANTIAGO, Pedro Ricardo Búcker. Percepções do impacto da pandemia no meio acadêmico da música: um ensaio aberto sobre temporalidades e musicalidades. **Revista Música**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 357-378, 2020. DOI: 10.11606/rm. V20i2.180068. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/180068>>. Acesso em: maio. 2022.
- DINIZ, Lélia Negrini. **Processos de uma experiência de docência**: ensinando e aprendendo a ser professor de música / Lélia Negrini Diniz; Marta Nörnberg, orientadora. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018. 223 f.: il.
- FERRAZ, Roselane Duarte; FERREIRA, Lúcia Gracia. Estágio Supervisionado no contexto do ensino remoto emergencial: entre a expectativa e a resignificação. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-28, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i4.8963. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8963>. Acesso em: junho. 2022.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência**. Formação Docente, Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 11-49, ago./dez. 2010. Disponível em <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em: maio. 2022.
- GONÇALVES, Natália Kneipp Ribeiro; AVELINO, Wagner Feitosa. Estágio supervisionado em Educação no contexto da pandemia da covid-19. **Boletim De Conjuntura (BOCA)**. Ano II, vol. 4, n. 10, Boa Vista, 2020. ISSN: 2675-1488. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/4022983>>. Acesso em: março. 2022.

ISA. **Entrevista Narrativa** [Entrevista concedida a xxxx]. xxxx, xx, 2021. 15p.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar por Si**. Rio Grande Do Sul: EDIPUCRS, 2011. 340 p. ISBN-13: 9788574309804. ISBN-10: 857430980X.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 90-113.

LARROSA, Jorge. **Como o afeto e a experiência afetam a educação**. Entrevista concedida durante o 3º Congresso LIV (Laboratório de Experiência de Vida) Virtual, em 04 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/jorge-larrosa/>>. Acesso em: maio. 2022.

LIMA, Maria do Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2005/2006. DOI:10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>>. Acesso em: março. 2022.

LIMA, Maria Janete de; PIRES, Aparecida Carneiro. O Estágio Supervisionado nas Licenciaturas: a formação docente em tempos de isolamento social. **REVISTA ELITE: educação, linguagens e tecnologias**. - Ano 2, n.02, jan./dez-2020. ISSN 26755718. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/elite/article/view/10941/7645>>. Acesso: maio. 2022.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. **Revista da Abem**, v. 29, p. 161-177, 2021. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/1023/602>>. Acesso em: maio. 2022.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Estágios curriculares supervisionados em música: uma aventura incerta. **Anais... XIX Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical A Educação Musical Brasileira e a construção de um outro mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM 09 a 20 de novembro de 2020**. Disponível em: <<http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegSul2020/sul/paper/viewFile/407/427>> Acesso em abril. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO, Ecleide; CONTI, Luciane de; CHAVES, Iduina; GOMES, Marineide; GABRIEL, Gilvete; ROCHA, Simone Maria da. **Desafios epistemológicos da pesquisa (auto) biográfica com crianças. Pesquisa auto (biográfica) em educação** [recurso eletrônico]: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares/ organizadores Maria da Conceição Passeggi... [et. al.]. – Natal, RN: EDUFRN, 2018. 730 p.: PDF. pp. 45-72. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26927>>. Acesso em: janeiro. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios Supervisionados: unidade teoria e prática em cursos de licenciatura. Formação Docente: fundamentos e práticas do estágio supervisionado/ Célio da Cunha, Carla Cristie de França, organizadores** - Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/349217236_FORMACAO_DOCENTE_Fundamentos_e_Praticas_do_Estagio_Supervisionado>. Acesso em: maio. 2022.

PINEAU, Gaston; BRETON, Hervé. Conquistar seu tempo através da formação dos ritmos da própria vida. Traduzido por Camila Aloisio Alves. **Educar em Revista** [online], v. 37, 2021, Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.77919>>. Acesso em: março. 2022. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77919>.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. (tomo 1) / Paul Ricoeur ; tradução Constança Marcondes Cesar – Campinas, SP : Papyrus, 1994.

RODRIGUES, André de Cillo; CUERVO, Luciane. Desafios da docência no Ensino Remoto Emergencial de Música: reflexões e práticas na cultura digital. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CUBA PEDAGOGIA, online, 2021. **Anais** [...]. BUBA: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: <https://docplayer.com.br/214697228-Desafios-da-docencia-no-ensino-remoto-emergencial-de-musica-reflexoes-e-praticas-na-cultura-digital.html>. Acesso em: 27 maio de 2022.

SOUZA, Zelmielen Adornes de; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Modos de ser professor formador na pedagogia e à docência virtual em música. **Revista da Abem**, v. 29, p. 47-64, 2021. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/967>>. Acesso em: abril. 2022.

VAILLANT, Denise; GARCIA, Marcelo. **Ensinando a ensinar**: as quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba: UTFPR, 2012.

ZABALZA, Miguel Angel. **O Estágio e as Práticas em Contextos Profissionais na Formação Universitária**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

Recebido em: 04/10/2022

Aceito em: 28/11/2022